

como estas: Para quê acreditar se os que têm fé são piores que os que não têm (pg. 60).

Ante estas perspectivas e com o desejo de dar uma orientação segura ao cristão de hoje que se encontra mergulhado no mundo, e no qual se tem de santificar, a Editorial Aster tornou acessível ao público português este interessante livro que bem se pode chamar um «Manual de Moral Cristã para leigos».

«O teor da obra, a problemática que expõe, a linguagem que fala e os exemplos que dá, são a vida de todos os homens — a vida individual, na família, na sociedade, no trabalho e no Estado, na situação corrente de nossos tempos».

**ILLANES, J. L., *La santificación del trabajo, tema de nuestro tiempo.***  
Vol. de 88 ps. 140 × 180. Cuadernos Palabra n.º 1. Ediciones Palabra, S. A. (Epalsa). Madrid. 21966.

É hoje frequente encontrarmos valiosos trabalhos sobre a teologia das realidades terrenas e mesmo alguns ensaios sobre a espiritualidade própria dos leigos, sem todavia se evitarem sempre escusados desvios. Falta também quase sempre nesses trabalhos uma indicação de normas ascéticas concretas que levam os leigos à sua santificação. J. Illanes consegue no presente ensaio superar essas deficiências, e não receamos afirmar que o consideramos entre os mais valiosos ensaios sobre espiritualidade laical até hoje apresentados.

Para justificar o título do ensaio: «A santificação do trabalho, tema de nosso tempo», o A. começa por citar expressamente o seguinte texto da Constituição Dogmática **Lumen Gentium**: «É própria e peculiar dos leigos a característica secular... Por vocação própria, compete aos leigos procurar o Reino de Deus tratando das realidades temporais e ordenando-as segundo Deus.

«A Teologia Moral apenas se limita a indicar ao homem o caminho a seguir para se desenvencilhar do labirinto em que se encontra. Cabe ao homem percorrê-lo por si» (pág. 61).

Esse caminho se nos é apresentado neste livro com uma segurança de princípios e uma clareza de ideias, difícil de ultrapassar, usando uma linguagem sem os arrebiques dum estilo difícil.

Foi pena que saísse com tantas grafias, algumas difíceis de compreender como a que se encontra ao fundo da pág. 60 e princípio da 61. Bem merecia uma mais cuidada revisão de provas um livro com tão boa apresentação.

A. T. C.

Vivem no mundo, isto é em toda e qualquer ocupação e actividade terrena, e nas condições ordinárias da vida familiar e social, com as quais é como que tecida a sua existência. São chamados por Deus para que, aí, exercendo o seu próprio ofício, inspirados pelo espírito evangélico, concorram para a santificação do mundo a partir de dentro, como o fermento, e deste modo manifestem Cristo aos outros, antes de mais pelo testemunho da própria vida, pela irradiação da sua fé, esperança e caridade. Portanto, a eles compete especialmente, iluminar e ordenar de tal modo as realidades temporais, a que estão estreitamente ligados, que elas sejam sempre feitas segundo Cristo e progredam e glorifiquem o Criador e Redentor» (n. 31). Insiste no aspecto de novidade do tema ao dizer: «Uma frase me parece especialmente significativa dentro do parágrafo que acabamos de citar; concretamente o inciso onde se esclarece

que não só se pode aspirar à santidade a partir de qualquer estado de vida, mas que se deve aspirar «precisamente por meio desse estado de vida» (Ibid. n.º 40 e 41) (p. 8).

Depois esboça brevemente o estado da questão ao dizer que o trabalho é um tema perdido pela teologia espiritual e que se está a verificar uma tomada de consciência do problema.

O primeiro cap. é indicado com o título: «O Opus Dei e a valorização do trabalho». Nele o autor oferece-nos um primoroso estudo histórico ao falar-nos, bem documentado, do trabalho e a espiritualidade monacal, da evolução do estado religioso e as suas repercussões, e do estado religioso e a aproximação do mundo.

O segundo cap. trata da relação entre o Opus Dei e a espiritualidade laical. Mais em concreto aí se trata da relação entre «ser do mundo e vocação à santidade, vocação humana e vocação divina, ocupações temporais e vida sobrenatural, trabalho e vida contemplativa, e trabalho e apostolado». Através de todo este cap. o A. mostra-nos concretamente todo o vigor da espiritualidade laical e a razão do seu progressivo predomínio.

Como se deduz do presente estudo, a espiritualidade dos leigos não pode ir buscar a sua origem à religiosa. A evolução da vida monástica e conventual, apesar de tender pouco a pouco para a intervenção apostólica na sociedade civil, em certo sentido cada vez se afasta mais, na medida em que o principal elo de ligação do homem à sociedade — o trabalho — importante elemento ascético no mosteiro, foi perdendo o seu valor como instrumento de aperfeiçoamento, sendo substituído por actividades imediatamente apostólicas. É mesmo quando a actividade apostólica leva o religioso a debruçar-se sobre trabalhos e estudos semelhantes aos do homem do

mundo, o carácter de instrumentalidade apostólica continua a prevalecer sobre o valor directamente ascético que se possuía e possui no espírito monacal. Seja como for, em nenhuma fase da história dos religiosos, o trabalho teve a transcendência que reveste para os leigos.

Na penúltima página do seu ensaio o A. afirma: «Dai que o Opus Dei signifique tanto na história da espiritualidade laical: a espiritualidade laical é evidentemente mais ampla do que a espiritualidade específica do Opus Dei — no terreno da vida sobrenatural não há lugar para monopólios —, mas também é certo que o Opus Dei, desde há quase quarenta anos, representa algo mais que uma espiritualidade laical entre muitas, já que lhe tocou ser um elemento determinante na tomada de consciência de que existe uma fisionomia espiritual própria dos leigos no mundo» (p. 83). E a terminar o seu ensaio, em nota, afirma: «Ao longo destas páginas limitamo-nos a mostrar uma coincidência teológica — de conteúdo — entre o espírito do Opus Dei e alguns ensinamentos da Const. Dogmática **De Ecclesia**. Quando se fizer o estudo da história do Concílio Vaticano II, não se poderá deixar de considerar o influxo que tiveram, na actual maturidade teológica reflectida nos textos conciliares, a pregação constante do Fundador do Opus Dei e a doutrina — falada e escrita — difundida, desde há cerca de quarenta anos, por tantos milhares de membros dessa Associação espalhados por todo o mundo, e confirmada com o testemunho da sua vida de trabalho» (84).

Escolhemos de propósito estas citações para podermos dar uma razão do juízo de valor que demos do presente ensaio ao começar a sua revisão crítica. É que de facto Illanes conhece intimamente o espírito do autor do «Caminho» e Fundador do Opus Dei, Mons. Escrivá

de Balaguer. Conhece também intimamente o fenómeno pastoral provocado por esse espirito, por esse livro e por essa associação em todo o mundo, entre pessoas de todas as raças, idades e condições sociais. Possui, portanto, um critério de excepcional valor para determinar as linhas mestras da espiritualidade laical. Além de toda a doutrina escrita de Mons. Escrivá de Balaguer, que vemos citada a cada passo da presente obra, o A. conta com a experiência universal dessa doutrina. Está, portanto, particularmente documentado para conseguir o seu objectivo.

Tem diante dos olhos uma realidade vivida, fruto da experiência. Não indica objectivos inacessíveis nem mitiga qualquer das exigências da santidade. Falamos da plena união com Deus, da vida contemplativa, da plenitude da caridade. Mostra-nos como essa plenitude cristã, não só não é incompatível com a vida do mundo (o contrário seria afirmar que Deus não quer a santificação da maioria dos homens) mas como na vida

do mundo e no trabalho e na vida profissional se encontra o principal meio de progresso espiritual, de aumento de virtudes e de apostolado. E mostra como o próprio trabalho, em si mesmo, é um objectivo digníssimo para os filhos de Deus, como diz a Const. Pastoral *Gaudium et Spes*: «E com o seu trabalho que o homem sustenta de ordinário a própria vida e a dos seus; por meio dele se une e serve aos seus irmãos, pode exercitar uma caridade autêntica e colaborar no acabamento da criação divina. Mais ainda: sabemos que, oferecendo a Deus o seu trabalho, o homem se associa à obra redentora de Cristo, o qual conferiu ao trabalho uma dignidade sublime, trabalhando com as suas próprias mãos em Nazaré» (n.º 67).

Resta-nos fazer o voto de que os nossos leitores possam em breve verificar o pouco que dissemos através da tradução portuguesa deste ensaio.

J. Silva Marques

**CABODEVILLA, J. M., *Carta de la Caridad*. Vol. de 487 ps. 130 × 200. Editorial BAC. Madrid. 1966.**

Um esplêndido livro que fazia falta nos desvaierados tempos em que vivemos. Paulo VI havia dito, na 4.ª e última sessão do Vaticano II: «Não parece difícil dar ao nosso Concílio Ecuménico o carácter ... de um grande e tríplice acto de amor: a Deus, à Igreja e à Humanidade». E na inauguração da 2.ª sessão conciliar: «O presente concílio é caracterizado pelo amor ... mais amplo e urgente». Houve um grande silêncio durante os 20 minutos que o Papa falou. Robert Schultz, prior de Taizé, mandou ao Papa um telegrama com esta frase: «E o discurso mais profundo e mais forte que ainda se ouviu debaixo das abóbadas de S. Pedro». E o Papa falou,

insistentemente, de **caridade e amor**. E o A. da presente obra escreveu, no seu estilo matizado e apaixonante, com devoção, entusiasmo e ciência teológica, sobre a Caridade, nos seus múltiplos aspectos: o amor do homem, a economia social da salvação e o amor da Igreja.

Em toda a exposição, além de ser um artista clássico e moderno, é original, profundo e atraente. Desfaz muitos erros, ilusões e enganos e, contra todos os pessimismos de variada origem, dá-nos a noção mais optimista de Deus. É bela a forma como reduz as Bem-aventuranças ao Amor (p. 4 e ss.). **Dios es Amor** (p. 54 e ss.) — é um cap. que arrebatava a alma. «Deus não possui

o ruim coração do homem que se assusta por ter de perdoar até 3 vezes. Deus perdoa setenta vezes sete, Deus perdoa sempre ... até ao dia em que o seu perdão é definitivamente desprezado» (p. 59).

Formosíssimo o cap. «**El Corazon**» (p. 64 e ss.). **Amar a Dios y al prójimo** (p. 99 e ss.). Amar a Deus sem amar o próximo é mentira, por ser impossível. Deus percorre todos os caminhos do mundo na pessoa do nosso próximo. São dois amores que, mutuamente, se postulam, ou antes, é um só Amor. Finísimas e subtis distinções entre o Amor natural e sobrenatural são necessárias, para desfazer as confusões que há nesta matéria. A religião «cós mica» não é absolutamente natural; é cristã no sentido exacto de pré-cristã» (p. 137). É duma beleza sem par o cap. 5: «**Quien es mi prójimo?**» (p. 141).

Todo o livro é um hino à Caridade que o Povo de Deus deve praticar, para ser, em verdade, o sal da Terra. Esta virtude não é individualista, mas essencialmente social e dinâmica. Mas existe também a ausência de amor, a que o A. se refere na p. 286-7, que é a expressão do respeito que Deus tem pelo homem, isto é, da seriedade do seu Amor.

**DAUJAT, Jean, *Conhecer o cristianismo*. Vol. de 192 ps. 125 × 175. Editorial Aster. Lisboa. 1966.**

Há pouco tempo ainda, apareceu, na colecção «Efeso», a obra de J. Daujat «**Viver o Cristianismo**», título que por si nos revela o programa fundamental e básico que nos é imposto pela nossa vocação de crentes. A finalidade da missão de Jesus é, na realidade, dar às almas a vida de Deus.

Vida e conhecimento, porém, não são duas realidades autónomas. Pelo contrário, são interdependentes: «haec est autem vita aeterna: ut cognoscant te, so-

A Caridade é o único caminho do cristão. As suas ascensões e quedas vão reflectir-se no Corpo Social da Igreja. «A mínima infracção e o mais pequeno acto de virtude ... são fracassos ou vitórias parciais, na longuíssima e decisiva guerra travada entre o Corpo de Cristo e o que Orígenes chamava «o corpo do diabo»» (p. 327).

É, pois, de aconselhar, com insistência, a leitura deste livro a todos os homens de boa vontade, na convicção de que o seu amor a Deus e ao próximo há-de transcender os lindes estreitos em que muitos vivem, tranquilos, no seu individualismo religioso. Ainda que seja um monge, tem de interessar-se séria e activamente pela salvação de seus irmãos, pois, quem se eleva, em Caridade ecuménica, pode salvar muitas almas para o Reino de Deus. E todo o Povo de Deus é, essencialmente, missionário.

É, em síntese, um livro de cabeceira e uma obra-prima de Teologia da Caridade que Deus e a Igreja exigem do cristão, para que, neste amplexo de amor ecuménico, se salve a humanidade do abismo de ódios em que se vai afundando.

A. F. dos Santos

lum Deum verum, et quem misisti Jesum Christum» (Jo. 17,3).

Assim se explica que o autor, como complemento daquela obra, nos tivesse oferecido o presente volume «**Conhecer o Cristianismo**». São dois aspectos da mesma realidade: conhecer e amar ou viver.

A exposição de Jean Daujat é simples e, ao mesmo tempo; exacta; doutrinal e, simultaneamente, viva; lição